

ANNE JACOBS

O REGRESSO *à*
VILA
DOS
TECIDOS

LIVRO 4



ARQUEIRO



OS RESIDENTES DA VILA DOS TECIDOS

A família Melzer

Johann Melzer (*1852–1919), fundador da fábrica de tecidos dos Melzers

Alicia Melzer (*1858), nascida Von Maydorn, viúva de Johann Melzer

Os filhos de Johann e Alicia Melzer e suas famílias

Paul Melzer (*1888), filho de Johann e Alicia Melzer

Marie Melzer (*1896), nascida Hofgartner, esposa de Paul Melzer, filha de Jakob Burkard e Louise Hofgartner

Leopold ou *Leo* (*1916), filho de Paul e Marie Melzer

Dorothea ou *Dodo* (*1916), filha de Paul e Marie Melzer

Kurt ou *Kurti* (*1926), filho de Paul e Marie Melzer

Elisabeth ou Lisa Winkler (*1893), nascida Melzer, separada de Klaus von Hagemann, filha de Johann e Alicia Melzer

Sebastian Winkler (*1887), segundo marido de Lisa Winkler

Johann (*1925), filho de Sebastian e Lisa Winkler

Hanno (*1927), filho de Sebastian e Lisa Winkler

Charlotte (*1929), filha de Sebastian e Lisa Winkler

Katharina ou Kitty Scherer (*1895), nascida Melzer, viúva de Alfons Bräuer, filha de Johann e Alicia Melzer

Alfons Bräuer (*1886–1917), primeiro marido de Kitty Scherer

Henni (*1916), filha de Alfons Bräuer e Kitty Scherer

Robert Scherer (*1888), segundo marido de Kitty Scherer





Outros parentes

Gertrude Bräuer (*1869), viúva de Edgar Bräuer

Tilly von Klippstein (*1896), nascida Bräuer, filha de Edgar e Gertrude Bräuer

Ernst von Klippstein (*1891), marido de Tilly von Klippstein

Elvira von Maydorn (*1860), cunhada de Alicia Melzer, viúva de Rudolf von Maydorn

Os empregados da Vila dos Tecidos

Fanny Brunnenmayer (*1863), cozinheira

Else Bogner (*1873), criada

Maria Jordan (*1873–1925), camareira

Hanna Weber (*1905), assistente de criadagem

Humbert Sedlmayer (*1896), criado

Gertie Koch (*1902), camareira

Christian Torberg (*1916), jardineiro

Gustav Bliefert (*1889), jardineiro

Auguste Bliefert (*1893), antiga criada

Liesel Bliefert (*1913), ajudante de cozinha, filha de Auguste Bliefert

Maxl (*1914), filho de Gustav e Auguste Bliefert

Hansl (*1922), filho de Gustav e Auguste Bliefert

Fritz (*1926), filho de Gustav e Auguste Bliefert





PARTE I





I

Março de 1930

A Sra. Brunnenmayer parou de mexer a massa na vasilha para prestar atenção nas marteladas que vinham do anexo e invadiam a cozinha da Vila dos Tecidos.

– De novo isso – resmungou ela, indisposta. – Quase acreditei que a barulheira já teria acabado a essa altura.

– Longe disso – disse Gertie, sentada à mesa comprida tomando café com leite. – Duas janelas estão com infiltração, e o banheiro ainda não está como a Sra. Elisabeth deseja.

Quase dois anos antes, haviam começado a construir uma ala de dois andares na área dos fundos da Vila dos Tecidos. Ali morariam Elisabeth, a filha mais velha dos Melzers, e seu marido, Sebastian Winkler, junto com os três filhos do casal e criados. As salas e os dormitórios já tinham sido concluídos, bem como vários quartos para a criadagem no sótão. Não seria necessário construir cozinha nem sala de jantar, pois as que ficavam na ala principal da Vila seriam suficientes. Era lá que a família continuaria a fazer as refeições, todos reunidos, pois essa fora a condição de Alicia Melzer para permitir a obra. Mas a construção revelara-se uma novela – mesmo após a mudança, as marteladas continuavam. Um dia desses a própria Sra. Elisabeth chegara a dizer aos suspiros que acreditava que a casa permaneceria um canteiro de obras para sempre.

A Sra. Brunnenmayer balançou a cabeça e voltou a preparar o *spätzle*. Era necessária uma boa quantidade de massa para quatro adultos e cinco crianças, sem contar os criados, que também tinham um bom apetite. Havia guisado de carne para os patrões, enquanto a criadagem tinha que se contentar com um molho de toucinho. Era tempo de economizar na Vila dos Tecidos, e as coisas estavam longe de ser um mar de rosas, tendo em





vista que a pobre Alemanha não havia conseguido se reerguer de fato após a derrota. A culpa, evidentemente, era das altas reparações de guerra que o Império Alemão havia sido obrigado a pagar aos vitoriosos.

– E que tipo de banheiro a Sra. Elisabeth deseja? – perguntou Else, que excepcionalmente havia despertado de seu cochilo durante a conversa.

Fazia alguns anos que ela desenvolvera o hábito de cochilar à mesa da cozinha, apoiada nos braços, depois de terminar o trabalho.

– O que ela deseja? – disse Gertie, rindo. – Uma maluquice. Foi Robert quem colocou essa ideia na cabeça dela. Ela quer um chuveiro.

A Sra. Brunnenmayer parou de mexer a massa, pois o braço começava a doer. Já tinha 67 anos, mas nem pensava em se aposentar. Ela dissera uma vez que morreria caso parasse de trabalhar, razão pela qual estava decidida a prestar seu serviço até que – de acordo com a vontade de Deus – caísse dura um belo dia. Seu sonho era, antes disso, poder preparar mais um de seus magistrais menus de cinco pratos, recebendo os mais altos elogios dos patrões por seus talentos culinários. Assim, se curvaria à morte, satisfeita e sem reclamações. Mas, é claro, ela desejava que esse dia não chegasse tão cedo.

– E o que é um chuveiro? – indagou Else.

Gertie se levantou de um pulo para lavar uma mancha de café com leite na saia escura. Desde que começara a exercer a função de camareira para a Sra. Elisabeth, ela tomava bastante cuidado com suas vestimentas. Em geral, usava roupas pretas e de bom corte, e às vezes azul-escuras com uma gola de renda branca. Prendia os cabelos em um coque e calçava sapatos de salto para parecer um pouco mais alta.

– A pessoa é regada de cima para baixo com água. Isso existe na América. Eles chamam de ducha.

– De cima? – disse Else, admirada. – Como se a pessoa estivesse debaixo de chuva?

– Exatamente – respondeu Gertie em meio a risos. – Daria no mesmo ficar pelada no parque, Else. Aí também tomaria um banho de chuveiro.

Else, que nunca havia despido o corpete durante o dia, exceto no hospital, ficou coradíssima só de imaginar tal situação.

– Ah, Gertie – disse ela, fazendo um gesto defensivo com as mãos. – Sempre com suas piadas sem graça!

Enquanto isso, a Sra. Brunnenmayer havia se sentado em uma cadeira da cozinha e batia a massa com a colher com tanto vigor que suava profusamente.





– Venha cá, Liesel! – berrou ela em direção ao fogão, ao qual Liesel acrescentava dois briquetes para que a água do macarrão atingisse logo a fervura necessária.

– Estou indo, Sra. Brunnenmayer!

Liesel, a filha de Auguste, já era assistente de cozinha na Vila dos Tecidos havia dois anos. Era habilidosa, entendia tudo de imediato e sempre percebia o que precisava ser feito, de forma que raramente era necessário dar-lhe instruções. Além disso, não era nem um pouco ambiciosa (ao contrário de Gertie, sua antecessora), mas sim dócil, sempre simpática, e nunca era enxerida. Aliás, nem precisava, pois tinha boa memória e lembrava-se de como os pratos eram preparados. Ela era de fato a ajudante de cozinha mais habilidosa que a Sra. Brunnenmayer havia conhecido em toda a sua longa carreira. À exceção, naturalmente, da jovem Marie Hofgartner, esposa de Paul Melzer já há bastante tempo. Ela, sim, sempre havia sido algo à parte, tendo todos os atributos necessários para ser senhora da mansão, mesmo tendo chegado à Vila dos Tecidos como uma órfã pobre.

– Vamos, continue batendo a massa, Liesel – ordenou a cozinheira, colocando a tigela pesada na mesa diante da menina. – Bata com vigor para que fique menos espessa. E prove para ver se está bom de sal.

Liesel pegou um pouco de massa com uma colher de chá que tirou da gaveta. Já no primeiro dia na Vila dos Tecidos, ela havia aprendido que não se colocava o dedo na comida, usando-se em vez disso uma colher para prová-la.

– Está boa – comentou ela, e a cozinheira assentiu com satisfação.

É claro que a massa estava boa, pois a Sra. Brunnenmayer nunca errava no tempero, mas desejava que Liesel aprendesse. Ela se orgulhava de ensinar tudo o que podia à menina, pois secretamente tinha esperanças de que ela se tornasse sua sucessora um dia.

Gertie, que já havia percebido isso fazia bastante tempo, ficava aborrecida, apesar de ter sido promovida a camareira pouco antes.

– Se você continuar apertando a massa desse jeito, Liesel – disse ela, mal-humorada –, as pessoas vão pensar que você está com raiva de alguém. Do Christian, talvez?

– Por que justamente dele? – perguntou Liesel, constrangida, prendendo debaixo da touca uma mecha de cabelo que havia escapulado.





Gertie deu uma risada irônica e achou divertido perceber que Liesel ficara enrubescida.

– Todo mundo sabe que há algo entre vocês dois – disse ela. – Dá para perceber a quilômetros de distância. Ele sempre fica com um olhar apaixonado quando vê você.

– Você não tem nada melhor para fazer em vez de ficar parada aqui que nem um poste, Gertie? – perguntou a cozinheira, intervindo. – Achei que estaria junto da Sra. Elisabeth, já que é tão indispensável.

Ofendida, Gertie empurrou a xícara vazia para o lado e levantou-se.

– É óbvio que sou indispensável – disse ela. – Ontem mesmo a patroa disse que não saberia o que fazer sem mim. Estou aqui simplesmente porque preciso passar roupa mais tarde e queria garantir que o fogo não apagassem.

– Se é por isso, poderia ter poupado sua visita – resmungou a cozinheira. – Na minha cozinha, o fogo nunca se apaga.

Gertie se dirigiu à escada de serviço com uma lentidão intencional. Deixou a xícara usada em cima da mesa para que Liesel a lavasse.

– Cadê a Hanna? – perguntou ela casualmente. – Não a vi o dia todo.

A Sra. Brunnenmayer levantou-se para dar uma olhada no guisado, deixado no canto do fogão para que se mantivesse aquecido. Precisou fazer certo esforço nos primeiros passos e ficou preocupada com suas pernas, pois elas inchavam quando ela ficava muito tempo em pé.

– Onde você acha que ela está? Na sala de jantar, ajudando Humbert a pôr a mesa – respondeu ela, e pegou uma colher de pau.

– Os pombinhos da Vila dos Tecidos – disse Gertie em tom de fofoca. – Humbert e Hanna e, como se não bastasse, Liesel com o jardineiro Christian. Precisamos ficar de olho para não sermos contagiadas. Não é mesmo, Else?

Ouviu-se uma pancada: a cabeça de Else havia escorregado dos braços e batido na mesa.

– Agora chispa daqui! – resmungou a cozinheira, fazendo Gertie subir as escadas às pressas. – Ela não consegue manter essa boca enorme fechada – grunhiu ela, aborrecida. – Antes era uma moça simpática, a Gertie, mas desde que virou camareira tem me lembrado cada dia mais a Maria Jordan. Que Deus a tenha, coitada. Mas que ela era uma peste, isso era.

Liesel tinha somente vagas lembranças da camareira, pois era uma criança quando Jordan morrera de forma trágica. Seu marido, um dege-





nerado, a havia assassinado. Diziam por aí que ele ainda estava na prisão pagando pelo terrível crime.

– Ah, acho que Gertie não é feliz aqui – disse Liesel para a Sra. Brunnenmayer. – Ela frequenta um curso à noite para aprender a usar máquina de escrever.

Isso era novidade até mesmo para a cozinheira, que geralmente sabia tudo sobre a criadagem. Essa era boa: Gertie queria trabalhar em escritório mesmo tendo sido promovida a camareira. Devia ser daquelas que nunca estavam satisfeitas com nada.

– Uma pena – resmungou a Sra. Brunnenmayer, parada em frente ao fogão com a tábua de madeira e a faca, esperando a água ferver para colocar o *spätzle*.

Ela suprimiu o comentário seguinte e engoliu em seco, pois escutara passos apressados diante da porta da cozinha.

– Meu Deus, é Rosa com as crianças – disse ela para Liesel. – Preste atenção para que nenhum dos pequenos chegue perto do fogão enquanto joga o *spätzle* na panela.

– Deixe comigo, Sra. Brunnenmayer!

A menina só teve tempo de levar a massa até a cozinheira e a porta da cozinha se abriu, deixando a criança entrar.

Em tempos passados, era estritamente proibido que os filhos dos patrões ficassem na cozinha se misturando com os empregados. A Sra. Alicia Melzer contava histórias sobre esses anos. Algum tempo depois, na época em que a governanta Serafina von Dobern causava tumulto na Vila dos Tecidos, as crianças também não podiam entrar na cozinha. Somente depois que a Sra. Elisabeth voltara a morar na mansão e tivera seu terceiro filho, dessa vez uma menina, novos costumes haviam sido criados. E Marie Melzer, sua cunhada, não proibia seu querido temporão de 4 anos, Kurt, de frequentar a cozinha com os primos Johann e Hanno.

– Que seeede! – gritou Johann, de 5 anos, o primeiro a chegar à mesa da cozinha. – Sidra, Brunni. Por favor!

Johann tinha ficado ruivo, o que a princípio deixara Elisabeth, sua mãe, horrorizada. Agora ela já se acostumara com a ideia, especialmente porque seu filho mais velho havia desenvolvido um corpo forte de rapazinho e uma personalidade enérgica. O sensível Kurt seguia o primo como uma sombra e ambos eram amigos inseparáveis. Kurt com frequência dormia junto com





a tia Lisa no anexo norte da Vila dos Tecidos, pois preferia passar a noite com Johann a pernoitar com os irmãos mais velhos, Dodo e Leo.

Logo atrás de Johann e Kurt veio Rosa Knickbein, a babá rechonchuda e sempre simpática. Ela entrou na cozinha de mãos dadas com Hanno, de 3 anos. Havia levado as crianças para um passeio no parque, e é claro que os três quiseram fazer uma visita à cozinha antes de subirem para trocar de roupa e lavar as mãos.

– Tudo bem, vou lhes dar uma sidra – disse a cozinheira. – Mas só meio copo, senão vocês enchem a barriga de líquido e acabam perdendo o apetite.

Essa desculpa nunca havia impedido nenhuma criança de virar um copo inteiro e enorme de bebida antes de comer, mas a Sra. Brunnenmayer não queria se indispor com os patrões, então cada uma das crianças ganhou meio copo de sidra. Nem mais nem menos.

– Minha barriga é muuuuito grande – resmungou Johann, mostrando sua barriga enorme e derrubando a xícara de café vazia de Gertie com o movimento.

– A minha é muito maior – disse Kurt, abrindo os braços.

Else, que havia despertado com o barulho, quase não conseguiu tirar o copo de sidra da frente dele.

– Isso é macarrão, Bruni? – Johann esticou a cabeça enquanto a cozinheira raspava o *spätzle* da tábua de madeira com a faca e jogava-o rapidamente na água fervente.

– É – disse a Sra. Brunnenmayer. – Depois eles vão pular na sua barriguinha.

Kurt queria saber se os macarrões tinham pernas para pular.

– Como você é burro – falou Johann. – É só brincadeira.

– Ió, ió! – disse Hanno, animado, sentado no colo de Rosa, que lhe levava o copo à boca para que não se sujasse.

– Você também é – disse Johann para o irmão mais novo com um sorriso gentil. – Só que é um burrinho bem bonitinho.

– Nããã! – gritou Hanno, defendendo-se com raiva. – Não sou nada burro.

O pequeno Hanno havia aprendido cedo a palavra “não”, pois compreendera que precisava se defender do irmão e do primo, que eram um pouco mais velhos. Atualmente, ele gritava com violência seu “nãããã” para Johann em qualquer oportunidade que se apresentasse, mesmo que não





entendesse exatamente o que estava acontecendo. Melhor prevenir do que remediar.

Enquanto isso, um grande alvoroço se formara diante do fogão. Liesel pescava os macarrões prontos da panela e os colocava em uma das tigelas da melhor louça, de porcelana, para os patrões, enquanto a cozinheira continuava incansavelmente jogando o restante da massa lá dentro. O criado Humbert apareceu no corredor da cozinha para colocar seu paletó azul-escuro de botões dourados, que ele vestia quando servia as refeições no andar de cima. Humbert havia retornado à Vila dos Tecidos arrependido após sua breve incursão no mundo do cabaré de Berlim, e o cargo de criado, que acabara de ficar vago, foi-lhe confiado de bom grado. Fazia anos que ele era amigo próximo de Hanna, a jovem que Marie Melzer havia acolhido na Vila dos Tecidos após um terrível acidente na fábrica. Os dois eram como irmãos, apesar de fofocas de algumas más línguas sugerirem algo a mais.

– Você pode colocar o caldo de carne em duas tigelas de porcelana, Hanna – ordenou a cozinheira. – E salpique um pouco da salsinha picada, ela está ali em cima da tábua de madeira.

Hanna se apressou para seguir as instruções. Era uma pessoa meiga e amável, e nunca lhe passaria pela cabeça se negar a fazer serviços de cozinha por ser assistente de criadagem. Fosse cuidando das crianças, levando o remédio de dor de cabeça para a venerada Alicia Melzer ou batendo os tapetes junto com Else, ela ajudava onde podia.

– Depressa! – disse Rosa Knickbein. – Acabe logo de beber, Kurt. Temos que subir.

Os três meninos saíram da cozinha se queixando e seguiram para o corredor com a babá em direção às escadas. Lavar as mãos, trocar de roupa, pentear os cabelos – nenhum deles gostava desses procedimentos desnecessários, mas vovó Alicia exigia que os netos estivessem sentados à mesa bem-vestidos e de mãos limpas. Assim havia sido em sua juventude, assim ela havia feito com os próprios filhos, e mesmo que os tempos e costumes tivessem mudado, ela fazia questão de manter essa bela tradição.

Humbert levou as tigelas de sopa para o elevador monta-pratos da cozinha. Apesar do ferimento de guerra na mão direita, ele servia os pratos de forma mais elegante e segura do que qualquer outro criado já fizera na Vila dos Tecidos. Só quando havia uma tempestade era que ele entrava em pânico, deixando-se tomar pelas memórias das trincheiras e da chuva de





aço. Nesses momentos, escondia-se debaixo da mesa, incapaz de realizar seu trabalho. Seu caráter sensível fora marcado pela Grande Guerra, da qual, como tantos outros, ele havia sido obrigado a participar.

Enquanto ele subia as escadas para começar a servir, Fanny jogou os últimos *spätzle* na panela e começou a refogar as cebolas e o toucinho picado para o molho. Gertie voltou à cozinha para almoçar com os empregados, porém empinou o nariz e fez uma careta.

– Ui, que cheiro terrível! Está uma nuvem de gordura aqui.

– Se não for de agrado da madame, pode comer na lavanderia – respondeu a cozinheira.

– Só estou comentando – disse Gertie, sentando-se em seu lugar. – Porque depois a patroa dirá novamente que minhas roupas estão cheirando a comida.

– Elas poderiam cheirar a coisas piores do que o meu delicioso molho de toucinho.

Liesel havia tirado a sobremesa dos patrões da geladeira, deixando-a pronta para que Humbert a levasse. Um doce de coalhada e nata, acompanhado de compota de cereja em conserva do ano anterior. Um pouco do doce havia sido reservado para os funcionários, mas eles só provariam a compota se os patrões não comessem tudo, o que era improvável, tendo em vista que as cerejas eram especialmente cobiçadas pelos três meninos. E, caso sobrasse uma gota sequer na tigela, Rosa Knickbein a traçaria, já que podia sentar-se à mesa para segurar no colo a pequena Charlotte, de um ano, e cuidar de Hanno.

Como só faltava colocar a refeição dos patrões no elevador, Hanna e Liesel distribuíram os pratos e talheres para os empregados na cozinha. Else se levantou calmamente para pegar os copos para a sidra no armário e o jardineiro Christian entrou pelo portão do jardim para almoçar também. Ele havia trabalhado, tempos antes, para a infeliz Maria Jordan, que tivera uma loja na Milchstraße. Após o terrível acontecimento lá, Christian trabalhou na floricultura de Gustav Bliefert durante algum tempo, onde conheceu Liesel e logo ficou caidinho. Agora o menino loiro e magrinho do passado havia se tornado um jovem apresentável. O trabalho de jardinagem lhe dera ombros largos e braços fortes que atraíam muitas moças. Mas Christian só tinha olhos para Liesel, especialmente desde que Paul Melzer oferecera a ele um cargo na Vila dos Tecidos. Com isso, ele havia se muda-





do para a então deteriorada casa do jardineiro, antes habitada pelos Bliederts, e a ajeitado com muito amor e competência, deixando todos curiosos para saber se Liesel desejaria se mudar para lá na qualidade de sua esposa. No entanto, ninguém sabia ao certo se o jovem rapaz já havia pedido a mão da moça, pois ele continuava extremamente tímido como sempre fora, ficava constrangido com qualquer coisinha e era de poucas palavras. Por isso, após um breve “bom apetite” para todos os presentes, ele se sentara quieto em seu lugar, ao fim da mesa comprida e perto da geladeira, e agora fitava Liesel com olhos ansiosos enquanto ela colocava na mesa a frigideira pesada com o molho de toucinho.

– Olá, Christian – disse Gertie. – Que lindas cortinas de flores você pendurou nas janelas de seu quarto. Tenho certeza de que sua esposa vai adorar.

Christian ficou vermelho como um tomate, e Liesel mexia tão vigorosamente o molho denso na frigideira que alguns respingos atingiram Gertie.

– Preste atenção! – gritou ela, limpando uma mancha de molho da manga da roupa. – Coloquei este vestido limpinho hoje de manhã.

– Perdão – pediu Liesel com um sorriso travesso. – Sou uma desastrada mesmo.

A refeição tomou seu curso e o único que faltou foi Humbert, que chegaria somente mais tarde, quando os patrões não precisassem mais dele no andar superior. Gertie tomara a palavra e contava com ar importante que o Sr. Winkler, esposo da Sra. Elisabeth, esboçava grandes preocupações com o futuro do Império Alemão.

– Porque novamente um governo precisou se afastar após a Assembleia Nacional não conseguir chegar a um acordo.

Essa notícia não alarmou nenhum dos criados. Else colocou mais uma colher de molho de toucinho no macarrão, Hanna serviu-se de sidra com toda a calma. Mudanças de governos e disputas na Assembleia Nacional tornaram-se parte do cotidiano da República. Muito piores eram as marchas nas ruas dos comunistas e do NSDAP, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, bem como a temida organização Stahlhelm, cujos membros andavam de uniforme e portavam cassetetes. Isso sem contar quando dois grupos opostos se encontravam, pois aí sim saíam às turras. Batiam uns nos outros sem fundamento algum, e quem tivesse a má sorte de parar no meio de uma confusão dessas não raro acabava no hospital com membros fraturados e a cabeça sangrando.





– Durante o Império não havia essas confusões – comentou Else. – Naquela época a ordem pública reinava. Mas, desde que passamos a ter uma república, ninguém mais está a salvo.

Ninguém a contradisse. A república de Weimar tinha poucos defensores entusiasmados, tanto entre os empregadores quanto entre os criados. Paul Melzer, o chefe da empresa, estava especialmente insatisfeito com a república. Foram Rosa Knickbein e Humbert que contaram a novidade aos outros, visto que ambos ficavam sabendo de muitas coisas no andar superior.

– As coisas não podem continuar assim – dissera o patrão um dia desses. – As decisões urgentes não são tomadas, porque nenhum partido quer que o outro tenha êxito.

O único defensor da república era Sebastian Winkler, que Gertie gostava de chamar de “esposo da Sra. Elisabeth”. Mas nem mesmo ele estava satisfeito, tendo em vista que os comunistas não tinham maioria na Assembleia Nacional.

– Por que toda essa agitação? – perguntou a Sra. Brunnenmayer de forma depreciativa, raspando o resto do molho da frigideira. – Afinal, sempre se dá um jeito de seguir em frente, não é mesmo?

Com isso, o tema política foi colocado de lado. Hanna então contou que Leo, agora com catorze anos, passara a ter aulas com uma famosa pianista russa no Conservatório e que sua irmã Dodo folheava o jornal todos os dias à procura de notícias sobre aviação.

– Dodo tem um álbum no qual cola todas as notícias que encontra sobre aviões. Uma verdadeira esquisitice dessa menina.

– Isso não é normal, uma mulher querer voar em um avião – comentou Else, enquanto cutucava os dentes com um palito. – Isso é coisa de homem!

No momento em que Gertie ia contestar o comentário, Humbert voltou à cozinha e, para a perplexidade geral, colocou a tigela com um resto da compota de cereja em cima da mesa.

– Meu Deus! – disse a Sra. Brunnenmayer, agitada. – Por acaso os patrões não gostaram da compota?

– Na verdade, gostaram, sim – respondeu Humbert com um sorriso. – Johann derrubou uma taça chique de vinho, e sua avó privou-lhe da sobremesa.

– Pobre coitado – disse Hanna, suspirando. – Um menino tão meigo, mas sempre tão impetuoso.





A Sra. Brunnenmayer, que era quem mandava na cozinha, passou os olhos pelos comensais e tomou uma decisão.

– A compota de cereja fica para Christian. É ele que tem o trabalho mais pesado, merece ganhar um doce de vez em quando. Aqui, Christian, faça bom proveito.

O favoritismo deixou o jovem envergonhado, mas ele não teve coragem de recusar o doce nem de oferecê-lo a Liesel, que era o que realmente desejava.

Enquanto isso, Humbert também já havia se sentado à mesa, e Hanna lhe serviu uma porção de *spätzle* com molho de toucinho. Não era dos pratos favoritos do rapaz, que já não tinha muito apetite. Ele colocou a mão no bolso do colete, suspirando.

– Aqui – disse ele, tirando um envelope do bolso e entregando-o a Hanna. – Foi o Sr. Melzer que me deu. Estava na caixa de correspondências da fábrica hoje de manhã. É para você.

– Para mim? – perguntou Hanna, incrédula. – Só pode ser engano.

– Sim, vejamos – disse Gertie, que era toda olhos e ouvidos sempre que havia um acontecimento interessante. – Com certeza é uma carta de Alfons Dinter, do departamento de impressão. Faz anos que ele tem uma queda por nossa Hanna.

Hanna nem prestara atenção nas palavras de Gertie, pois tentava decifrar o remetente, mexendo os lábios sem emitir som. A Sra. Brunnenmayer viu a menina ficar subitamente pálida e pensou tê-la visto pronunciar um nome. *Grigorij*.





CONHEÇA OS LIVROS DE ANNE JACOBS

A Vila dos Tecidos
As filhas da Vila dos Tecidos
O legado da Vila dos Tecidos
O regresso à Vila dos Tecidos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

